

Fraude capitalista e outros escritos

ROSA LUXEMBURGO

São Paulo: Maria Antônia Edições, 2021. 136p.

Gustavo Prieto*

Os textos escritos por Rosa Luxemburgo entre dezembro de 1898 e março de 1899, publicados na sessão “Panorama Econômico e Sociopolítico” do jornal *Sächsische Arbeiter-Zeitung* e traduzidos pela primeira vez ao Brasil por Rosa Rosa Gomes, são fundamentais para a divulgação das potentes reflexões luxemburgianas ainda lateralmente conhecidas no Brasil.

Gomes oferece mais uma contribuição para as análises marxistas sobre / e a partir de Rosa Luxemburgo, após seu livro *Rosa Luxemburgo: crise e revolução*, publicado em 2018, versão da sua dissertação de mestrado em História Econômica defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. A análise minuciosa das atas dos congressos do Partido Social Democrata (SPD) da Alemanha já havia fornecido material inédito, e municiou com as armas da crítica os marxistas dedicados ao exame do pensamento de Rosa Luxemburgo no século XXI. Eis que Rosa nos oferece uma nova Rosa Vermelha com *Fraude capitalista e outros escritos*.

A apresentação da historiadora aos artigos jornalísticos compilados no livro – uma espécie de *A Reader's Guide* da obra em si e do contexto histórico alemão em que o movimento operário e o marxismo pareciam, enfim, se fundir –, em conjunto com a orelha da publicação redigida por Isabel Loureiro, evidencia a

* Professor da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: gustavo.prieto@unifesp.br

indissociabilidade entre tempo, espaço e relações sociais na reflexão sobre as contradições capitalistas no *fin de siècle*. Ademais, auxiliam a compreensão da atualidade das análises tecidas por Luxemburgo sobre o imperialismo, a luta de classes e a precarização do trabalho e da vida, explicitando os fundamentos cruzados da exploração e da opressão na expansão geográfica do capital: de Berlim a Vladivostok, de Palau a Porto Moresby.

As contradições do desenvolvimento capitalista estão presentes em todas as quatro seqüências dos artigos reunidos. Entre ferrovias que atravessam a Índia, minas de carvão e indústrias de ferro que escavam as entranhas russas, construções hidroviárias que inundam os Grandes Lagos estadunidenses e rasgam a Nicarágua e o Panamá é revelado o “apetite colonial” por terra, águas e florestas e a reprodução dos “experimentos coloniais” para a acumulação do capital (p.75). A constituição do mercado mundial, a militarização dos territórios, a expansão do capital portador de juros e a ampliação do poder bancário explicitam a geografia histórica do capitalismo nas tensões que desembocarão nas guerras mundiais entre nações imperialistas. Fome, desemprego, trabalho extenuante e pobreza marcam a “inescrupulosa dominação de classes” (p.125) e o “desejo da pura manutenção da dominação” (p.76), o avesso constitutivo do progresso.

Rosa Luxemburgo encara (e escancara) as polêmicas sobre os sentidos da revolução socialista e da reprodução do colonialismo, não esquecendo ou deliberadamente apagando as dores e revoltas das mulheres, das crianças, dos camponeses, dos povos indígenas e dos mais pauperizados das classes trabalhadoras – sem-teto, trabalhadores em situações análogas à escravidão e os que passam fome – explicitando “a insegurança da existência” (p.51), “as grandes fraudes capitalistas para enriquecimento de uns poucos” (p.43), a aliança entre terra e capital “para enriquecimento fácil dos ruralistas” (p.124) e a “obra apostólica” da burguesia (“a melhor sociedade”) na salvação do “povo inferior” da ruína econômica e moral (p.44). Rosa Luxemburgo seria, então, uma marxista decolonial *avant la lettre*?

Os 27 artigos jornalísticos compilados constituem uma das primeiras tarefas políticas no SPD. Rosa Luxemburgo chegou a Berlim em maio de 1898, doutora em Ciência Política pela Universidade de Zurique. Ela já era conhecida pelo círculo de poder do maior e mais influente partido socialista da Europa. A notoriedade de Luxemburgo advinha de seus textos na imprensa partidária germânica, especialmente sobre a questão polonesa, e pela sua eloquência e oratória nos congressos da Segunda Internacional.

Os textos reunidos nesta tradução inédita para o português foram redigidos após sua bem-sucedida agitação política em Oberschlesien – Alta Silésia, região polonesa ocupada pelo Reich – e a consequente expressiva votação obtida pelo partido nas eleições de junho de 1898. Estão em diálogo (e tensão) com a ala esquerda do SPD e a crítica à teoria revisionista de Eduard Bernstein, materializada na primeira parte da brochura *Reforma ou Revolução* de setembro de 1898. Além disso, se articulam também com a ativa participação de Luxemburgo no Congresso

do SPD em Stuttgart de outubro de 1898, no qual ela era uma das seis mulheres entre os 258 delegados e uma das seis dentre todos com titulação acadêmica.

O firme internacionalismo de Rosa se expressa na brochura tanto em termos de conhecimento das diversas formações socioespaciais (Estados Unidos, Rússia, Alemanha, Inglaterra, França, Itália, Cuba, Brasil, China, Índia, Argélia, Senegal, Namíbia, Nova Guiné, Micronésia, dentre outros) e regiões (América do Norte, América Latina, Sul Asiático, Norte e Sudoeste da África, Europa Ocidental, Extremo Oriente, Oceania), quanto pela insubmissão às tentativas da cúpula do SPD em confiná-la apenas às “questões polonesas” na Alemanha.

Os artigos estão diretamente imbricados com as tensões internas do SPD, que crescia em número de membros e participação no *Reichstag*. Em xeque estão os rumos do partido e os caminhos para o socialismo em escala mundial. Estão presentes também nos textos, provocações ao revisionismo reformista liderado por Bernstein, recomendações de Luxemburgo para o programa revolucionário de organização e agitação dos trabalhadores e sua interpretação sobre o marxismo. Para Rosa, reforma e revolução são um par dialético: simultaneamente luta-se dentro do Estado capitalista e contra a sua reprodução. Pode-se, assim, verificar no livro as bases para a produção das análises e críticas consolidadas em *Reforma e Revolução* e os pontos centrais de tensão com Bernstein, por exemplo no artigo “Sabedoria dos professores franceses sobre o marxismo” (p.126-133).

As análises sobre os limites da hegemonia capitalista inglesa e a ascensão estadunidense – e, em menor grau, alemã – demonstram a atenção aos rearranjos do sistema mundo moderno-colonial e um exercício de geopolítica. A perspectiva anticolonialista é evidente, explicita-se cabalmente na convocação às classes trabalhadoras para “protestar ruidosa e insistentemente contra toda nova expansão territorial à vista” (p.77).

Por fim, em ao menos três outros aspectos os artigos podem contribuir para a continuidade e expansão dos estudos sobre o pensamento e a obra de Rosa Luxemburgo no Brasil, assim como suas conexões com a recepção contemporânea na América Latina: 1) quanto à análise da acumulação do capital, considerando a perspectiva dos pobres urbanos, dos camponeses, dos indígenas e das mulheres; 2) na interpretação de Rosa Luxemburgo como leitora e prolongadora de Marx, que tomava a obra marxiana como uma totalidade aberta em que a dialética está no centro das análises, realizando o materialismo histórico em diálogo com a expansão e intensificação geográfica do capital na produção do espaço; 3) nos fundamentos espaciais do imperialismo e da acumulação originária e permanente do capital, evidenciando a geografia política do capitalismo em sua sanha colonial.

Rosa Luxemburgo desvenda as fraudes capitalistas para que não nos sujeitemos ao fetiche da mercadoria, do dinheiro e do capital, e lembra: “o incremento econômico tira do trabalhador, novamente, com uma mão o que ele deu com a outra” (p.51). Afinal, socialismo ou barbárie.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Engels editor de *O capital*

Michael Heinrich

Sobre o conceito marxista de crise política

Danilo Enrico Martuscelli

Trabalho complexo e valor

Gastón Caligaris

Populismo na América Latina

André Kaysel Velasco e Cruz

O Brasil dos gramscianos

Alvaro Bianchi

A Europa em tempo de crise

Marcello Musto

43